

RELIGIÕES POLARIZAM A HUMANIDADE

RICARDO ARAUJO COZER

Procurador do Trabalho

Como explanam os ateus, com razão, a soma do conhecimento das teorias científicas sobre as aleatoriedade e quase eternidade na formação do Universo e da vida no planeta Terra com o da teoria da adaptação e evolução das espécies exclui qualquer suporte – exceto de cunho supersticioso ou fantasioso, similar à fé em astrologia, folclore, mitologia ou Papai Noel – para a crença na existência de uma divindade criadora de tudo, seja por um sexteto de atos, seja pela teoria do design inteligente, vigilante e julgadora das ações humanas e que, por vezes, atende a pedidos, graciosamente ou em retribuição ao cumprimento de promessas, bem como para o ser humano constituir-se no zênite dessa *criação*.

Igualmente afirmam, mais uma vez acertadamente, que, em regra, religiões – centrando-nos, por simplificação, naquelas de matriz cristã – se prestam para discriminar minorias, como homossexuais (Levítico 20:13), e para situar a mulher muitos degraus hierárquicos abaixo do homem, sujeitando as esposas ao controle ilimitado dos maridos (Efésios 5:22). No entanto, a Bíblia – uma obra ficcional, repleta de personagens inventadas – também proíbe, dentre outros tantos arbitrários anacronismos, que o ser humano corte o cabelo e apare a barba (Levítico 19:27); junte animais de espécies diferentes ou use roupas com tecidos díspares (Levítico 19:19); alimente-se de animais marinhos distintos do peixe (Levítico 11:10); coma gordura ou carne malpassada (Levítico 3:17). E ainda permite que os pais vendam suas filhas como escravas (Êxodo 21:7).

Se o relacionamento homoafetivo, a identidade de gênero mais numerosa e a autonomia feminina se constituem, ao que parece das reações de praticantes de diversificadas religiões, em gravíssimos pecados, transgressão idêntica haveria de ser apontada para os capitais pecadores que vão ao barbeiro ou ao cabeleireiro, que criam um cachorro e um bichano como *pets*, que trajam uma calça de brim (formado por algodão e linho ou fibra sintética) ou um vestido de mescla jeans (viscose, poliéster e elastano), que comem camarão, caranguejo ou picanha gorda e/ou pouco cozida. E nenhuma censura aos pais que traficam suas descendentes. Não sendo assim, há hipócrita e rasa aplicação seletiva e consumo self service da suposta *palavra divina*.

Mas então, diante desse ou tudo ou nada normativo, qual opção sobe ao topo do pódio? O desenvolvimento das sociedades não se ancora na fossilização dos costumes. Sim, aquelas regras bíblicas não advieram de ditados nem psicografias de fontes extraterrenas. São, melhor dizendo, eram normas consuetudinárias. Há muito desbotadas, antiquadas, superadas. Imagina-se que ninguém queira ter sua vida cerceada pelas literais prescrições alimentares e sociais mencionadas antes. Tantos se amedrontam com a improvável chance de o capitalismo ser substituído pelo comunismo no Brasil, mas poucos se preocupam, caso os códigos dos seminais livros religiosos venham a regular as interações sociais, com a conversão de nossa democracia em teocracia, como acontece no Irã dos aiatolás e no Afeganistão governado pelo Talibã, onde os habitantes são reféns de uma casta de líderes *espirituais*, assujeitados a múltiplas hipóteses de pena de morte por situações banais, como rostos femininos descobertos em público. Assim, em resposta à indagação inicial, é de se preferir o nada.

As religiões, com seus dogmas férreos e inflexíveis, cujas datas de validade já venceram, caracterizando inúmeras circunstâncias sociais triviais como acontecimentos abomináveis, provocam a polarização da humanidade (nós, fiéis, estamos no caminho da salvação pós-vida; os outros, os infiéis, hereges, sequer podem ser adjetivados de humanos), estimulando o isolamento ou o extermínio de quem crê divergentemente ou descrê no sobrenatural, ou se comporta desconforme textos *sagrados*, mediante, no atacado, Jihads, *Santas* Inquisições e atentados terroristas e, no varejo, infanticídios, feminicídios, LGBTcídios, homicídios, agressões físicas e condutas discriminatórias. Embora o Brasil seja um país laico, sua população é majoritariamente religiosa (segundo o Censo de 2010, mais de 85% são católicos ou evangélicos) e, possivelmente não por coincidência, é um dos campeões mundiais, há anos, de assassinato de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Outra consequência curiosa, perniciosa e ridícula teve sua fonte para além da literalidade das passagens bíblicas que, pela já indicada triagem discricionária, devem ser observadas. Alguns extratos aludem à benignidade daqueles que se situam à direita do *todo-poderoso*, enquanto outros qualificam de malignos os posicionados à sua esquerda. Conquanto os *ensinamentos* desse livro decorram, usualmente, de leituras fundamentalistas, somente gramaticais de seu texto, aqueles trechos impulsionaram estas *interpretações*: direita é bom, esquerda é mau. Onde o vocábulo *destro* (quem tem a mão direita dominante) e seu derivado *destreza* possuem as semânticas dicionarizadas de hábil e habilidade, ágil e agilidade. Já a palavra *canhoto* (quem tem

mais facilidade para usar a mão esquerda) e sua derivada *canhestro* significam inábil, desajeitado, desastrado e até diabo. Por conta disso, muitos pais e mães, receosos de preconceito, forçavam seus filhos canhotos a aprenderem a escrever com a mão direita. Embora essa coerção maternal e paternal seja menos comum atualmente, o léxico estigmatizante se perenizou. Mais um exemplo de credices subvertendo o que é natural e impondo sofrimento supérfluo aos que, ante mera loteria de combinação genética, são assim e não assado.

Esse panorama não se teria instalado nem se difundido se, ao menos para os cristãos, fosse vivenciado o ensinamento de amar o próximo como a si mesmo (Mateus 22:37-39), sendo óbvio que ter estima por um próximo muito parecido consigo, que pensa, sente e age como seu próprio grupo, é fácil, e sendo ainda mais óbvio que o alvo dessa doutrina é incentivar o apreço por quem é diferente, aceitando e benquerendo as pluralidade e diversidade humanas. Esse novo costume não teria revogado tacitamente, por incompatibilidade, todos aqueles precedentes com fórmulas de intolerância? Se as religiões entregam segregação em vez de união, então são de pouca utilidade para o desejado aperfeiçoamento humano.

Mais racional e eficaz ao alcance desse objetivo é a leitura de literatura ficcional (não religiosa), que, consoante o estudo *Reading Literary Fiction Improves Theory of Mind* (em tradução livre: *Ler Ficção Literária Melhora a Teoria da Mente*, publicado na *Revista Science* em outubro/2013), citado na matéria *8 Motivos Científicos que Provam que Ler Faz Bem para Você*, veiculada no sítio eletrônico da *Revista Galileu* em junho/2017, “mostra que quem lê ficção tem mais chances de ter maior capacidade de compreender que outras pessoas carregam crenças e desejos diferentes dos seus, ou seja, ter mais empatia.” Seguindo esse encadeamento dissertativo, o estudo da filosofia igualmente está vocacionado a servir de tônico catalisador da harmonia intersubjetiva.

Lembremos ainda que a miscigenação intraespécie resulta na variabilidade genética, essencial para, segundo a Teoria da Evolução de Darwin, a adaptação dos seres vivos ao meio ambiente, incluindo-se (evidentemente!) os humanos (em especial, como vimos experienciando em larga escala, a defesa imunológica contra microrganismos patógenos, numerosos deles letais), desaconselhando a procriação entre ascendentes integrantes da mesma família pela semelhança dos genomas. E a mescla de interações entre pessoas de crenças e sentimentos diferentes proporciona avanços culturais e tecnológicos. Por que mulheres e homens dominam a Terra, sobrepujando animais muito mais fortes e velozes e desbravando vegetações, relevos e climas

inóspitos? Reprise-se não advir de uma propagandeada obra-prima celestial, mas sim, amparando-se em autor israelense citado ao final desta exposição, de nossa insuperável habilidade de cooperação em exponencial alcance. Abelhas e formigas auxiliam-se sob uma organização bastante superior à nossa, porém de restrita magnitude. Os seres humanos, de seu turno, edificam cidades, constroem foguetes, produzem seu próprio alimento. Países comandados por fanáticos religiosos confinam-se, alienam-se e definham. Países laicos que fomentam o multiculturalismo e o entrosamento sem barreiras irrazoáveis abrem-se ao intercâmbio com outros povos, prosperam, reduzem os conflitos internos e elevam a felicidade de sua população.

Encerrando, para efetivar medidas específicas de profilaxia contra os efeitos ruinosos das religiões ou tentar se curar e libertar deles, sugere-se assistir a Enigmas do Universo, Pray Away, Rezar e Obedecer, A Vida dos Sonhos de Georgie Stone e O Deus que Não Estava Lá, série e documentários na Netflix e, o último, no YouTube, e a Boy Erased: Uma Verdade Anulada, filme ficcional baseado em fatos reais. E ler: Sapiens: Uma breve história da humanidade e Homo Deus: Uma breve história do amanhã, ambos de Yuval Noah Harari, A grande história da evolução e Deus, um delírio, ambos de Richard Dawkins, e Deus não é grande: Como a religião envenena tudo, de Christopher Hitchens.